

## Francisca Júlia e a Versatilidade Literária

Manuella dos Santos Gomes<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Amazonas

Josiano Régis Caria<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Amazonas

### Resumo

O texto propõe analisar as características de escrita da poetisa Francisca Júlia, problematizando a crítica literária, que a considera uma autêntica autora parnasiana, e comprovando através da análise de poemas de cunho simbolista e decadentista a versatilidade literária da mesma, averiguando como a crítica a enquadra, refletindo as características do Parnasianismo, Simbolismo e Decadentismo Francês. Analisando os poemas à luz de teóricos como Alfredo Bosi (1972), Nelly Novaes Coelho (2002), Acmeno Bastos (2004), Péricles Eugênio da Silva (1962), entre outros. Em seus poemas, a autora apresenta diversos aspectos parnasianos, principalmente na ideia de impassibilidade, na forma rigorosa em que os escreve, chegando a ser comparada pela crítica com demais poetas parnasianos, por alcançar tamanha perfeição de escrita, além do período em que os publicou. Todavia, não se limita a usar características simbolistas e decadentistas, com toda ideia de morte, símbolos, enigma, mistério e a busca pelo inconsciente. Simultaneamente, o parnasianismo e simbolismo mediram forças na sociedade literária, esse poderia ser um dos motivos pelo qual essa poetisa teria a facilidade de escrever autênticos poemas nas propriedades de cada um dos movimentos.

**Palavras Chave:** Francisca Júlia; Versatilidade; Literatura; Poema.

### 1. Introdução

Após a publicação de sua primeira obra poética, *Mármores* (1895), aos 24 anos, Francisca Júlia distinguiu-se entre os parnasianos de sua época pelo culto a forma e pela anulação da emotividade, como era comum à escola. É considerada e respeitada por diversos escritores, como Machado de Assis e Olavo Bilac, e por críticos, como Péricles Eugênio da Silva Ramos e Isaac Goldberg, como a mais autêntica representante do Parnasianismo, por transmitir em suas obras ideais parnasianos com conotações de clareza, frieza e impassibilidade.

Porém, é importante salientar que a escritora, alguns anos após a publicação de *Mármores*, (re)publica sua nova obra intitulada *Esphinges* (1903), que já em seu título nos faz refletir quanto ao seu conteúdo, pois a palavra “esphinges” nos recorda a existência do grande entalhe em pedra em Gizé e, logo, a característica poética parnasiana, mas também supõe-se uma ideia de mistério, enigma, sugerindo, portanto, algo que vai além do objeto estético e passa

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas.

<sup>2</sup> Mestre em Educação e Ensino de Ciências (UEA), Especialista em Informática e Educação (SODECAM) e Licenciado em Letras (UFAC) – Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Amazonas

a ser a busca pelo inconsciente, logo, a característica poética simbolista. Em Esphigens, é lançado o poema “Ângelus”, considerado por Coêlho, Massambani e Corrêa o mais autêntico poema simbolista de Francisca Júlia, pois supera a descrição objetiva parnasiana da morte, já que a delinea pelo viés do irracional, do simbólico e do subconsciente humano (2008, p. 8). Para Goldberg, o parnasianismo de Francisca Júlia é “uma máscara de orgulho e em um ‘soneto como Ângelus’ a máscara é jogada fora” (GOLDBERG, 1922, p. 272).

Logo, nos possibilita refletir que Francisca Júlia sob diversas influências poéticas é mais que uma representante do Parnasianismo Brasileiro, é uma poetisa versátil. Pioneira na história da literatura brasileira, exemplo de mulher, que venceu o preconceito de uma sociedade machista e rompeu barreiras para expor suas notórias habilidades poéticas ultrapassando seus mestres. Nesta pesquisa, passaremos por breve biografia da poetisa, enfatizando as publicações de suas obras e como influenciam nas diversas características aderidas por Francisca Júlia. Em seguida, faremos um estudo sobre as principais características de movimentos literários apresentados na poesia francisquiana. Por fim, analisaremos três de seus poemas, defendendo a ideia de que eles não revelam uma poetisa limitada a um único movimento literário.

Dessa forma, este trabalho propõe analisar as características de escrita da poetisa Francisca Júlia, problematizando a crítica literária, que a considera uma autêntica autora parnasiana, e comprovando através da análise de poemas de cunho simbolista e decadentista a versatilidade literária da mesma, averiguando como a crítica a enquadra, refletindo as características do Parnasianismo, Simbolismo Brasileiro e Decadentismo Francês. E analisando os poemas à luz de teóricos como, Alfredo Bosi (1972), Nelly Novaes Coêlho (2002), Acmeno Bastos (2004), Péricles Eugênio da Silva (1962), entre outros.

## **2. Francisca Júlia: a maestria de uma poetisa.**

Francisca Júlia da Silva nasceu dia 31 de agosto de 1871, em Vila de Xiririca, atualmente chamado de Eldorado, cidade que fica no Vale do Ribeira no estado de São Paulo. Filha de Miguel Luso da Silva, advogado provisionado, intelectual e amante da boa leitura, e de Cecília Isabel da Silva, professora primária, com o irmão advogado e poeta, com quem mais tarde vem escrever dois livros. Crescera cercada de certo conhecimento e intimidade com os gêneros literários.

Aos 14 anos, estreou com a publicação dos sonetos “*Quadro Incompleto*” e “*Paisagem*” no jornal *O Estado de S. Paulo*. Escreveu para os jornais mais importantes de sua época ao mudar-se para a cidade de São Paulo com a família, incluindo o *Correio Paulistano* e *Diário Popular*. Forneceu seus escritos também para jornais do Rio de Janeiro, com destaque para as revistas *O Álbum* e *n’A Semana*, onde causou dúvidas quanto a autoria de seus versos, o que levou a crítica pensar que viria ser escritos por um pseudônimo feminino de Raimundo Correia, pois não acreditavam que aqueles versos tão perfeitos tinham sido escritos por uma mulher:

A poetisa ultrapassou os limites do universo feminino, enfrentou as críticas de uma sociedade machista, condensando uma expressão de arte diferenciada, e ousou ao publicar seus versos à semelhança dos melhores poetas parnasianos; assim conquistando o respeito e admiração de ilustres personagens da literatura do século XX (MELO; MUDANCA, 2013, p. 2).

Em 1895, publica sua primeira obra intitulada *Mármore*s, que ganhou grande destaque pela característica parnasiana expressa na impassibilidade, que Francisca Júlia deixa claro ao abrir o livro com o soneto “*Musa Impassível*”. Em 1899, lança *Livro da Infância*, com o objetivo de inaugurar a literatura infanto-juvenil. No auge de sua produção literária, publica *Esphinges*, em 1903, que revela a versatilidade da poetisa e marca a produção literária para além do Parnasianismo. Além de alguns poemas editados de *Mármore*s, exhibe novos poemas marcados pelas características simbolistas, o maior deles seria “*Ángelus*”, que marca não apenas pelas características simbolistas, mas expressa a ligação entre os movimentos simbolistas e decadentistas.

Francisca Júlia lança seu último livro intitulado *Alma Infantil* em parceria com seu irmão Júlio César da Silva no ano de 1912. É composto por quarenta textos narrativos, divididos em prosas e versos, a obra também teve por objetivo ensinar vocabulário e estilo, como as notas apresentadas nos seus textos.

“O livro trata-se de uma coleção de monólogos, diálogos, recitativos, cenas do ambiente escolar, hinos e brincadeiras infantis. A publicação tinha dois objetivos: a edificação moral e a apresentação às crianças da boa forma do verso e da pureza da língua” (MELO; MUDANCA, 2013, p. 4).

Em 1920, com 49 anos, suicida-se, depois do enterro do marido, que morrera de tuberculose. O abalo emocional que teve ao saber da doença de seu esposo ficou claro em alguns de seus poucos escritos da época, mostrando uma mulher que suplicava pela paz espiritual fora do plano terrestre. Após sua morte, em 1962, Péricles Eugênio da Silva Ramos organizou uma

coletânea de seus poemas que foram publicados sob o título *Poesias*, revelando também alguns poemas com características decadentistas e simbolistas.

Considerando esse cronograma de publicações, podemos afirmar que Francisca Júlia facilmente se adaptava às referências de movimentos que surgiam em sua época. Inaugurando-se em *Mármore* como parnasiana, posteriormente aprofundando-se na mística de características decadentistas e simbolistas em *Esphinges* e encerrando pela literatura infantil com mesma sutileza, essa adquirida pela educação recebida dos pais. Quando nos deparamos com a organização de *Poesias*, onde encontra-se diversos poemas da autora, sem uma marca de tempo que define de qual movimento literário pertence, é notório o quão versátil poderia ser a musa impassível parnasiana.

### 3. Os movimentos literários em Francisca Júlia.

Francisca Júlia publicou suas obras particularmente no período do Parnasianismo Brasileiro, que mediu forças com o Simbolismo, sendo vividos simultaneamente. Esse pode ser um dos motivos pelo qual essa poetisa tem a facilidade de passear com seus poemas nas características de cada um dos movimentos.

O Parnasianismo Brasileiro deu-se a partir da publicação de *Fanfarras*, em 1882, de Teófilo Dias. Surgindo 16 anos antes na França com o *Parnasse Contemporain* opõe-se ao Romantismo, buscando a impassibilidade, racionalidade e objetividade do poeta e do mundo, prende-se de forma rigorosa à forma, apropriando-se da métrica e da rima e utilizando-se do soneto como forma fixa de escrita. Defende a ideia de que a arte deve ser a tradução do belo. Alfredo Bosi afirma que “é na convergência de ideais antirromânticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto à forma, que se situa a poética do Parnasianismo” (BOSI, 1972, p. 247). O Parnasianismo retoma temas da antiguidade greco-romana, apropria-se da discussão da arte, descreve cenas da natureza e de objetos.

Quanto ao Simbolismo Brasileiro, deu-se início com a publicação de *Missal e Broquéis*, de Cruz e Sousa, em 1893. Todavia, o Simbolismo em sua origem francesa foi antecipado por um movimento intitulado Decadentismo, onde predominava o sentimento de decadência moral, artística e social, caracterizado pelo tom triste e pessimista. Opondo-se ao Realismo e Naturalismo, recuperando a subjetividade e a ideia de crepúsculo, marcado pela visão estética,

inclinando-se à descoberta pelo universo inconsciente e à atração pelas dimensões misteriosas da existência, como afirma Bosi (1972):

O parnaso legou aos simbolistas a paixão do efeito estético. Mas os novos poetas buscavam algo mais: transcender os seus mestres para reconquistar o sentimento de totalidade que parecia perdido desde crise do Romantismo. A arte pela arte de um Gautier e de um Flaubert é assumida por eles, mas retificada pela aspiração de integrar a poesia na vida cósmica e conferir-lhe um estatuto de privilégio que tradicionalmente caberia à religião ou à filosofia.

O Decadentismo foi o movimento que preparou o Simbolismo, tendo em vista a tendência literária organizada por princípios formais e temáticos, como afirma Moisés (1969). Faz-se necessário observar as características do decadentismo francês, no qual sem dúvidas a poesia de Francisca Júlia foi influenciada. Ganhou forças dentro dessas perspectivas a partir de 1880 na França, e em 1884, com a publicação de *Poètes Maudits*, uma coletânea de ensaios de Verlaine, acrescentando o tom de tédio e anarquia, possibilita o crescimento do movimento.

Do Decadentismo, brota o Simbolismo francês, em 1866, no *Manifeste Littéraire* de Moréas, definindo as principais características do novo marco, utilizando a sugestividade da linguagem com exploração do símbolo. Na França, o movimento não fluiu por muito tempo, mas possibilitou a influência a poetas de outros países. Um deles foi a poesia de Cruz e Sousa, no Brasil.

O Simbolismo Brasileiro não diferente do seu antecessor, caracteriza-se pela predominância de temas abstratos, principalmente na linguagem, usando-a de forma vaga e fluida. A aproximação do inconsciente do indivíduo, do pessimismo, a sugestão do poeta para quem o ler, a exploração das sensações, a valorização do plano metafísico, preocupado em não dar sentidos pré-estabelecido a símbolos, a utilização de figuras de linguagem, principalmente de assonâncias, aliterações, antíteses, usando rimas e musicalidade, a ideia de misticismo, espiritualismo e interioridade. Recusa as soluções racionalistas e mecânicas, questionando os dogmas instituídos pelos conhecimentos positivos, que considerava o pensamento científico como único meio de revelação do mundo, recuperando assim a subjetividade do Romantismo:

Nesse sentido, a tendência simbolista aproxima-se do ideal romântico de sentir a realidade, mais do que racionalizá-la. Entretanto, cabe salientar que o subjetivismo simbolista difere do romântico na medida em que rompe com o emocionalismo e com as metáforas convencionais que evidenciavam emoções pouco profundas do ser humano. A subjetividade proposta pelo Simbolismo é fruto de uma imersão nas águas profundas do subconsciente onde estariam

presentes aspectos ilógicos, caóticos do ser humano (COÊLHO; MASSAMBANI; CORRÊA, 2008, p. 3).

Quanto à poesia de Francisca Júlia, diverge a crítica na ideia de altamente parnasiana e apenas com aspectos simbolistas. Alfredo Bosi a inclui no grupo de poetas menores do parnasianismo, mas que mereciam destaque pelo culto a forma sem limitar-se a repetir os modelos consagrados e mesmo vindo após a consagração dos grandes autores parnasianos, logo os alcançaria pela “fidelidade e mesmo rigidez, com que praticava os princípios da escola” (BOSI, 1972, p. 229). Sobre a versatilidade da poetisa, Bosi afirma que:

Como alguns dos neófitos de segunda hora, porém, a poetisa atravessou a fronteira que a separava do Simbolismo, cujo ideário se afinava com as inquietações religiosas da sua maturidade: em *Esfinges*, já aparecem exemplos nítidos dessa nova postura espiritual e artística. (Op. Cit., p. 258).

Péricles Eugênio da Silva Ramos (1962) assegura que mesmo a poetisa frequentando o modo simbolista não realizou poemas tão bons quanto aos poemas sob regra parnasiana. No entanto, contesta que só ela tenha atingido sistematicamente as condições de impassibilidade que o Parnasianismo em tese reclamava. Além do mais, Francisca Júlia teve grande influência da obra parnasiana francesa, assim como afirma Coelho (2002):

Professando a arte pela arte, a poeta paulista adotou a austeridade formal do Parnasianismo francês: a palavra justa, plástica e sonora, a impossibilidade emotiva ou o domínio rigoroso das emoções soltas (tal como declara no soneto *Musa impassível*). Algo raro de se encontrar nos demais parnasianos brasileiros. (COELHO, 2002, p. 217).

Melo e Mudanca (2013) reafirmam a legitimidade das características do Parnasianismo francês na obra de Francisca Júlia, “sendo a primeira mulher que se distinguiu entre todos os poetas parnasianos, pelo culto da forma e pela represa da emotividade como queria a escola à feição francesa” (MELO; MUDANCA, 2013, p. 6).

Os poemas considerados altamente parnasianos dessa poetisa executam aquilo que propõe o próprio Parnasianismo, pois se apresenta o impassível, usa o tema clássico, estrutura o soneto em metro condigno, decassílabo e faz uso de um vocabulário raro, alguns usam como tema a própria poesia, ou esculturas, pinturas e músicas, sendo exemplos da arte poética parnasiana, pelo menos quanto ao seu projeto estético. São caracterizados por ser tão impessoal, não se dirigindo a ninguém, adota um tom distante, imperativo. De acordo com Bastos (2004, p.71), o mármore é uma imagem recorrente em sua poesia, pois conjuga os semas da

materialidade, da claridade, da perenidade e explicita o ideal de aproximação da poesia às artes plásticas.

As características decadentistas e simbolistas aparecem na poesia de Francisca Júlia, não apenas com alguns aspectos ou em alguns momentos, mas como faremos ver, em poemas completos, mantendo um perfil simbolista/decadentista do início ao fim, em meio a predominância de poesia parnasiana. Dessa forma, Francisca Júlia não poderia ser nomeada apenas como uma poetisa parnasiana com alguns aspectos simbolistas, mas como uma escritora versátil.

### **3 A versatilidade poética de Francisca Júlia.**

Para embasar a tese de que Francisca Júlia é uma autora versátil e demonstrar a facilidade que a mesma tem de passear com seus poemas nas características dos movimentos parnasiano, decadente e simbolista; analisaremos três de seus poemas: “*Quadro incompleto*”, do livro *Mármore* (1885), “*À noite*”, de *Esphinges* (1903) e “*Amor descoberto*” do livro *Poesias* (1962).

“*Quadro Incompleto*”, o primeiro poema a ser publicado, é soneto decassílabo com rimas opostas nos quartetos (ABBA / ABBA) e emparelhadas nos dois tercetos (CCD / EED). São rimas ricas como *finda/ainda* e *dantes/amantes*. Nesse poema, vemos, de forma clara, as características parnasianas, dada pela rigorosa forma, apropriando-se da métrica e da rima e utilizando-se do soneto como forma fixa de escrita, como é visível nos poemas de Olavo Bilac. O próprio Bilac comenta em uma das edições de *Esphinges* que a poesia de Francisca Júlia é como quem “canta a antiga beleza desnuda ao sol, fulgurando, livre de véos hipócritas. De quando em quando, uma estrofe sua, como um grito de saudade e de angústia, saúda os tempos gloriosos da Helada” (BILAC apud SILVA, 1921, p. 17)

Defendendo a ideia de arte pela arte, teoria parnasiana afirmada por Bosi, o poema (arte) descreve a pintura (arte) de um quadro. A imagem de quadro dá-se já no primeiro verso: *Foi um rico painel // Traço por traço//*, sendo pouco a pouco desvendada no poema. Assim encontramos algumas palavras que revelam que o poema descreve uma pintura, iniciando pelo título e posteriormente utilizando-se de vocábulos como *painel, traço, artista, obra, cores*.

O soneto pode ser analisado a partir da descrição da paisagem em que se encontra em segundo plano, as altas montanhas com seus picos a tocar o céu, mais ao centro do quadro um

rio banhando a vegetação, e em primeiro plano, um casal de enamorados a caminhar ao longo do braço do rio. Neste ponto, passamos a uma análise em dois momentos de contemplação da pintura: o primeiro, quando o casal ainda está presente na paisagem – reflexão de um momento feliz na vida a dois, e segundo, quando o casal deixa de existir no retrato da paisagem substituído por uma *nódoa escura*.

O rompimento com a ideia romântica e a apropriação da impassibilidade no poema se revela no último terceto, quando: *Hoje, porém, não é como era dantes:/pois no ponto onde estava os amantes, /existe apenas uma nódoa escura*. Alguém não identificado, podendo ser um dos amantes, decide apagar a lembrança daquele rico painel que revelava um amor. E ainda o quadro descrito no soneto guarda a frescura de suas cores, concluindo que o rompimento do amor fora recente.

Já no poema “*À noite*”, publicado no livro *Esphinges*, marco das características decadentista/simbolista da poesia de Francisca Júlia, é notória a presença dos aspectos do decadentismo francês. Estrutura em forma de soneto com rimas intercaladas nos quartetos (ABAB/ABAB) e nos tercetos (CDC/EDE) poderia ser um motivo para enquadrá-lo como um poema parnasiano, todavia, deve-se considera a fortíssima presença dos aspectos decadentistas. Sobre esse poema, Machado de Assis comenta em sua crônica n’*A semana* de 14 de julho de 1895, que a autora mostra que há nela uma corda de simpatia e outra de filosofia.

A subjetividade e a ideia de crepúsculo aparecem logo no primeiro verso: *//Eis-me a pensar, enquanto a noite envolve a terra//*. O tom de tristeza e pessimismo envolve todo o poema como no segundo quarteto: *No alto uma estrela triste as pálpebra descerra, / Lançando, noite dentro, o claro olhar piedoso. / A alma das sombras dorme; e pelos ares erra / Um mórbido langor de clama e de repouso*. Não só pela adjetivação da estrela com a palavra triste, mas por todo o tom escuro apresentado pela noite, pelas sombras que dormem no mórbido langor. É importante frisar que a principal ideia defendida pelo movimento decadentista, como afirma Bosi (1972), de que o sentimento de decadência social afetava a profundidade da alma e era a causa da decadência pessoal, fica expresso neste poema não só pelo pessimismo, mas, sobretudo, pela interiorização do espírito decadente através da tristeza e da dor pessoal.

O universo inconsciente e filosófico se faz presente no soneto, mais especificamente, no primeiro terceto: *Em noite assim, de repouso e de calma // É que a alma vive e a dor exulta, ambas unidas // A alma cheia de dor, a dor cheia de alma*. Há aqui dois elementos do inconsciente humano: a alma e a dor, sendo a alma responsável pelos sentimentos, só está viva

pela dor sentida, marcado pela subjetividade do sentir, já que só um “eu” pode sentir e exultar a dor que tem no seu interior. Nesse poema, alma e dor vivem em perfeita unidade. .

O fim do poema revela desanimo, uma descrença na melhoria e o pessimismo como era bem particular da época decadente: *É que a alma se abandona ao sabor dos enganos // antegozando já quimeras pressentidas // que mais tarde não de vir com o decorrer dos anos.*

Quanto ao poema “*Amor descoberto*”, publicado em *Poesias*, organizado por Eugenio Péricles Ramos, reúne características simbolistas como o uso das sensações, símbolos e enigmas, como é bem particular nos poemas de Cruz e Sousa. É um poema composto de dois quartetos de rimas opostas (ABBA/CDDC). Desde o seu título até seu último verso o poema carrega um tom sugestivo, do que viria ser o tema. É só lendo até o último verso, que conseguimos entender que o próprio título é o símbolo da poesia.

O poema trata-se da narração de um beijo apaixonado, que os amantes deram a luz da noite, onde o “eu” lírico conta ao amado, esse não definido, como espalhou-se o acontecido. Ao contar quem viu e ouviu os comentários de tal beijo, e como se tornou público o romance, revela aos poucos o enigma sugerido no segundo verso: *//quem nos viu ness’hora?//*. Todos os versos deram-se para revelar o amor que vivia as escondidas.

As propriedades simbolistas afirmadas por Moisés (1969) dão-se nesse poema pelas sensações, essas que são expressas pelas palavras: molhei (tato), viu (visão), canto-o (audição). Pela utilização de antíteses figura de linguagem marco da linguagem simbolista (a escura noite X a branca aurora / a loura estrela X a prateada lua). Pela mística, envolvendo seres inanimados com tom de enigma, em curta narrativa, defende a tese simbolista de cultivar temas abstratos. Nesse caso, o tema amor, apesar de ser aparentemente um tema comum, em Francisca Júlia torna-se símbolo místico, que necessita de muitas visões para descobrir o que de fato viria ser.

### **Considerações Finais**

Como foi dito, este texto propôs analisar as características de escrita da poetisa Francisca Júlia, problematizando a crítica literária, que a considera e a enquadra uma autêntica autora parnasiana. Isso se deu por meio do estudo das características das escolas literárias

Parnasianismo, Decadentismo e Simbolismo, fundamentado em teóricos como Alfredo Bosi (1972), Nelly Novaes Coelho (2002), Acmeno Bastos (2004) e Massaud Moisés (1969). Com base nas análises e pesquisas feitas neste texto podemos considerar que Francisca Júlia, sob diversas influências literárias, é uma autora no mínimo dedicada e de profunda sensibilidade, permitindo-se ir além da frieza parnasiana, pois conseguiu compor poemas no todo de características decadentistas e simbolistas com grande maestria, deixando-se passear por puro prazer em tais movimentos. A autora passa pelo vigor rigoroso dos poemas parnasianos, passando pelo crepúsculo decadentista, e chegando ao abstrato simbolismo, assim comprovando a versatilidade literária da mesma.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Acmeno. **Poesia Brasileira e Estilos de Época**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2004.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1972.

COELHO, Célia Tâmara; MASSAMBINI; CORRÊA, Regina. Ângelus: influências simbolistas na obra de Francisca Júlia. In: **SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS**, 7., Londrina, 2008. *Anais...* Londrina, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711 – 2001**. Editora Escrituras Editora, 2002.

GOLDBERG, Isaac. IX Francisca Julia. **Brazilian Literature**, Nova Iorque, p. 261-276, 1922. Disponível em: <<http://www.questia.com/read/1387293/brazilian-literature>>. Acesso em: 27 out. 2018.

MOISÉS, Massaud. **O Simbolismo (1893-1902)**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MELO, Carlos Augusto de; MUDANCA, Dayana Alejandra Hernandez. Do mármore aos jardins: sobre a obra de Francisca Júlia. 1871-1920). In: **UNINCOR V**. 10 - N.º 2, 2013.

NETO, João Vicente Pereira. **Oscilações líricas de uma musa impassível. Itinerário poético de Francisca Júlia no sistema literário brasileiro**. 2013, 134 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Brasília, Departamento de Teoria literária e literatura, curso de Pós-graduação em Literatura Brasileira, Brasília, 2013.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Introdução e Notas. In: JÚLIA, Francisca. **Poesias**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura – Comissão de Literatura, 1962.

SILVA, Francisca Júlia. **Esphinges (versos)**. São Paulo: Bentley Junior, 1903.

\_\_\_\_\_. **Esphinges**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1921.

\_\_\_\_\_. **Mármore**s. São Paulo: Horacio Belfort Sabino, 1895.